

O Esquilo Devoto

por Bhavani Korula

A primavera no Shree Muktananda Ashram é um período de celebração na natureza, quando a terra desperta da sua dormência prolongada e começa o processo de regeneração. Por todo o terreno do Ashram existem sinais de vida recomeçando. O ar parece diferente. O sol parece mais quente. Fragrâncias adocicadas permeiam a atmosfera conforme a neve cede lugar a trechos de grama verde e as flores começam a desabrochar. Animais que estiveram hibernando durante o inverno esgueiram suas cabeças para fora do solo e começam a correr por ali. Realmente, a primavera é um banquete para os sentidos!

Um dia, no início da primavera de 2015, eu estava oferecendo *seva* arrumando o local do Ashram onde Gurumayi oferece *darshan*. Toda vez que entro naquele espaço posso sentir sua sacralidade, a energia das incríveis interações entre Guru e discípulo que têm acontecido ali ao longo de décadas — o amor que foi despertado, a adoração que foi realizada, as vidas que foram transformadas. Sinto também muita gratidão a Gurumayi pelo seu *darshan*, seus ensinamentos, sua graça — por sua própria existência neste planeta.

Antes de iniciar minhas atividades no *seva*, dediquei um momento para absorver a cena que se desenrolava lá fora. Nas laterais do local de *darshan* existem enormes janelas panorâmicas, de modo que, mesmo estando lá dentro, você se sente como se estivesse do lado de fora, na natureza. A única diferença é que, pelo fato de existirem essas janelas separando a parte interna da parte externa, os animais e pássaros se sentem livres para perambular na frente dos seus olhos!

Existe tanta vida para ser admirada, pensei enquanto olhava lá para fora. Meus olhos se deliciaram com os botões vermelhos que começavam a surgir nas árvores, com os pássaros voando ao redor, com os esquilos saltitando.

Depois que completei a arrumação do local e as pessoas se sentaram para o *darshan*, Gurumayi chegou. Como ela costuma fazer muitas vezes ao entrar naquele espaço, fez uma pausa para olhar pelas janelas e admirar as maravilhas da natureza.

— Olhe! — disse ela, pouco depois — Veja quem está aqui.

Acompanhei o olhar de Gurumayi e exclamei de surpresa. Parado ali, logo do lado de fora da janela e espiando para dentro, estava um pequeno e *adorável* esquilo.

— Ele não estava aí há alguns minutos, enquanto arrumei a sala — comentei — Ele deve ter vindo para vê-la, Gurumayi.

Enquanto o *darshan* acontecia, eu oferecia *seva* para garantir que todos tinham o que precisavam e para resolver qualquer coisa que precisasse ser feita. De vez em quando, eu olhava para fora, esperando que o esquilo tivesse saído por ter encontrado outra coisa que chamasse sua atenção. Mas sempre que eu olhava, via que o esquilo permanecia ali. O que ele estaria fazendo?

Minha nossa, pensei em dado momento. *Ele está olhando fixamente para Gurumayi!*

E, dá para acreditar? Ele ficou daquele jeito por um longo tempo — um tempo *muito* longo!

No dia seguinte, quando Gurumayi veio para oferecer *darshan* no mesmo local, lá estava novamente o esquilo perto das janelas. *Seria um primo do esquilo de ontem?* Pensei. No dia depois desse, um terceiro esquilo apareceu. (*Será que ele tem outro primo?!*) E então veio um quarto, um quinto e um sexto esquilo — parecia que tinha uma família inteira de esquilos ansiosos pelo *darshan* de Gurumayi. Cada um vinha por conta própria, mas todos se comportavam da mesma maneira. Corriam até as janelas assim que Gurumayi chegava e a espiavam enquanto ela oferecia *darshan*. Ficavam ali por algum tempo, depois iam e voltavam da janela para o resto do jardim enquanto o *darshan* continuava.

Depois de isso ter acontecido por vários dias, Gurumayi notou que o último esquilo a aparecer na janela tinha uma cauda visivelmente curta — de fato, muito mais curta do que a cauda de um esquilo comum. Começamos a ver essa mesma cauda curta repetidas vezes, e logo percebi que não eram *vários* esquilos vindo até a janela, mas sim um esquilo muito persistente — com uma cauda muito curta.

Dali em diante, esse esquilo (ou “Cauda Curta”, como Gurumayi o chamava) tornou-se uma presença constante nessa área específica do Ashram. Ele fez aparições regulares durante aquele verão e também no outono — repito, apenas quando Gurumayi estava no local. Ele apareceu na primavera seguinte também, e criou o hábito de retornar a cada ano quando o clima começava a esquentar.

Apesar de já ter ouvido histórias sobre como algumas pessoas domesticam esquilos e desenvolvem uma relação com eles, eu nunca tinha visto um esquilo demonstrar tanta afinidade com alguém que ainda não havia cultivado uma relação com eles. Estava espantada de como ele aparecia regularmente para ver Gurumayi. A princípio até questionei o que eu estava vendo, pensando comigo mesma: *Deve ser coincidência. Como esse esquilo poderia saber quem é Gurumayi?*

Comecei a ficar de olho sempre que limpava o espaço ou o arrumava para o *darshan*; eu checava se ele estava no jardim ou de pé em seu posto perto das janelas. Mas ele só aparecia mesmo quando Gurumayi estava presente. Por fim, percebi que o esquilo sabia muito bem o que estava fazendo. Ele se aproximava para oferecer sua adoração a Gurumayi, e dela receber *darshan*!

Um dia, compartilhei com Gurumayi meus pensamentos sobre o esquilo.

— Gurumayi — disse eu, entusiasmada — ele realmente *vem* para o seu *darshan*! — Ela me deu um sorriso doce e confirmativo.

Com o passar do tempo, o comportamento do esquilo parecia se tornar ainda mais reverente e devotado. Era isso, ou eu comecei a notar mais sua reverência! A primeira coisa que ele fazia quando chegava para iniciar o dia — antes de comer ou brincar ou esconder sua comida na terra — era vir à frente para o *darshan*. Frequentemente ele se sentava sobre as pernas traseiras e colocava as patas diante do peito num gesto que se assemelhava a um *pranam*. Ele também fazia oferendas a Gurumayi — deixando uma noz na frente da janela, ou talvez um dente-de-leão ou alguma outra flor que tivesse encontrado.

Possivelmente o momento mais memorável dessa adoração do esquilo aconteceu em 2017, no final de julho, o mês de Gurupurnima.

Era uma manhã típica de pleno verão. O sol brilhava como nunca, e todas as folhas nas árvores e arbustos estavam em seu tom de verde mais exuberante. As flores da primavera haviam terminado sua floração, e agora as flores de verão tinham sua chance de brilhar.

Um canteiro de amores-perfeitos tinha sido plantado logo do lado de fora do espaço para o *darshan*. No auge do verão, em contraste com o verde das árvores e o marrom da terra, essas flores eram de um azul-violeta vivo que

saltava aos olhos. Cauda Curta tomou gosto por brincar nesse canteiro de flores, especialmente porque sua localização lhe dava uma boa visão de Gurumayi quando ela estava nesse espaço.

Então, neste dia no final de julho, à medida que o mês dedicado à adoração do Guru chegava ao fim, Gurumayi estava oferecendo *darshan*. Num determinado momento, Gurumayi se virou para olhar através da janela e ver o que acontecia lá fora.

Gurumayi sorriu. Vi seus olhos de relance naquele instante; eles estavam cheios de uma ternura indescritível.

Caminhei mais para perto da janela para ver melhor o que Gurumayi estava olhando. Cauda Curta estava de pé bem ao lado do canteiro de amores-perfeitos, e olhava atentamente para dentro do espaço de *darshan*.

Por mais encantador que isso tenha sido, não foi o que tornou a situação tão marcante. Não, mas sim o fato de o esquilo ter dobrado sua pequenina pata em volta do caule delicado de um dos amores-perfeitos. Sem arrancar a flor da terra, ele a segurava em direção a Gurumayi.

Ele permaneceu naquela posição por algum tempo, sua mão e a flor estendidas, desejando claramente ter a certeza de que Gurumayi havia visto sua adoração a ela. Seu foco, sua humildade, seu amor por Gurumayi — eram todos evidentes em sua ação. Gurumayi olhou fixamente de volta para ele, sua expressão ainda tão terna.

Por um longo momento, Gurumayi ficou assim, presente com ele, certificando-se de que ele soubesse que ela havia recebido sua oferenda.

Cauda Curta continuou a visitar o Ashram ano após ano. Vendo-o todas essas vezes, e tendo a oportunidade de experienciar a bela e contínua interação que ele tinha com Gurumayi, eu quis aprender mais sobre

esquilos e seus hábitos. Aprendi que na região onde o Shree Muktananda Ashram está localizado, os esquilos costumam viver por dois ou três anos. Isso me pegou de surpresa, porque Cauda Curta acabou visitando Gurumayi por não menos do que *seis* anos!



© 2022 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.